

Artigo publicado na edição de 12 de junho de 2024 do jornal económico/financeiro FD-Financieele Dagblad

Made in Portugal: a ascensão de um país têxtil

Loeka Oostr

Enquanto muitos outros países europeus deixaram a sua indústria têxtil desaparecer, em Portugal ela foi preservada. Principalmente as marcas que desejam produzir de forma sustentável sabem encontrar o caminho para Portugal.



Os ténis da Garment Project, feitos de couro italiano, são fabricados à mão em Portugal. Foto: Garment

Muitos países viram a sua produção têxtil ao longo dos anos desaparecer para regiões com salários mais baixos. Portugal não. O conhecimento foi preservado. Quem agora percorre a área a norte do Porto pode encontrar, num raio de cinquenta quilómetros, centenas de fábricas têxteis, cada uma com a sua própria especialidade, como fiação, tinturaria ou a fabricação de aplicações como estofos de automóveis ou vestuário militar.

As empresas de moda holandesas já sabem encontrar o país para a produção das suas coleções. Segundo dados do Instituto Nacional de Estatística dos Países Baixos, em 2023 foram importados 194 milhões de euros em vestuário de Portugal. Também os sapatos do país são populares: em 2023, os Países Baixos importaram 225 milhões de euros - a maior categoria de produtos do ano inteiro. Esse número está a crescer: em 2019, foram importados 161 milhões de euros em vestuário português. A quota de calçado manteve-se relativamente estável nos últimos anos.

A marca de calças Mr Marvis produz em Portugal desde a sua fundação, em 2016, diz o cofundador Steven Vrendenburg. "O nosso cofundador Aafke Tuin teve boas experiências no país num emprego anterior, e queríamos fazer as escolhas certas em termos de sustentabilidade desde o início."

Ele enumera as vantagens: "Por estar mais perto, é mais rápido chegar lá se algo correr mal na produção. Não precisamos de atravessar meio mundo para manter relações e os nossos produtos são transportados por terra para os Países Baixos. Durante a pandemia, muitas empresas tiveram problemas, mas nós conseguimos continuar."

Essa vantagem foi notada por mais empresas. O Serviço de Informação para Empresas da Holanda (RVO) mencionou no Monitor de Comércio 2022 um aumento no número de perguntas sobre "nearshoring": produzir mais perto de casa. Após a pandemia e o bloqueio do Canal de Suez em 2021, e com as relações geopolíticas a endurecerem em todo o mundo, cada vez mais empresas notam as vantagens do nearshoring: sem longos prazos de entrega, ganhos em sustentabilidade devido a distâncias mais curtas, e os acordos sobre boas condições de trabalho geralmente estão estipulados em tratados, protocolos e convenções na Europa.

"Produzir vestuário na UE não te torna automaticamente sustentável"

Condições dignas

São exatamente os pontos em que os consumidores estão mais atentos nas marcas de vestuário: o produto é feito de forma socialmente responsável e sustentável? "Os consumidores associam Portugal a boa qualidade, bons tecidos e condições de trabalho dignas", diz Nout Knabben, CEO da Manufy. Com a sua plataforma, ele ajuda marcas de moda que querem produzir de forma sustentável a encontrar os produtores certos. Cerca de 200 marcas de vestuário têm acesso, através de um modelo de subscrição, a uma lista de produtores e parceiros.

Isso torna Portugal um destino desejado: desde o início da Manufy, em 2020, Portugal é um país que as pessoas procuram. "Como país de produção, tem a preferência da maioria dos solicitantes. A primeira ideia é Portugal, não a produção local." A imagem tem um papel importante. "Quando se pensa em Itália, por exemplo, pensa-se em marcas de luxo, não necessariamente num país onde uma marca iniciante de T-shirts vai produzir."

Knabben observa que, especialmente para as marcas de moda jovens, é difícil desviar essa percepção, o que leva a que as expectativas não correspondam à realidade. Por exemplo, no que toca à sustentabilidade. "Produzir vestuário na União Europeia não te torna automaticamente sustentável. Que tipos de tecidos usas? Consideraste o que acontecerá com a tua roupa no final da sua vida útil? Se escolhes uma mistura de poliéster e algodão, isso dá-lhe uma vida útil mais longa, mas é difícil de reciclar. Isso é realmente sustentável?"

Ele admite: "Uma peça de roupa ruim da Europa é melhor do que uma peça ruim da Ásia, mas a logística é apenas uma pequena parte da sustentabilidade da indústria da moda."

Durante um típico almoço português com bacalhau e batatas, Carla Silva pesa cuidadosamente as suas palavras. Na Citeve, ela ajuda como gestora de química e biotecnologia as empresas têxteis a inovar no norte de Portugal. "Já está a acontecer muito no campo da sustentabilidade, mas ainda não estamos suficientemente preparados para a nova regulamentação da União Europeia que está por vir." As fábricas de têxteis devem reciclar uma

grande parte dos seus tecidos a partir de 2025 e o desperdício não pode mais ser enviado para países mais pobres como padrão.

Após o colapso do Rana Plaza em Bangladesh, há dez anos, cresceu em Portugal a consciência de que algo precisava mudar. Abusos como os que ocorreram em Bangladesh em 2013 não existiam em Portugal, enfatiza Silva. "Mas as melhorias que podíamos implementar estavam noutras áreas. Melhor certificação, transparência e sustentabilidade."



Na Tintex, cada vez mais tecidos são tingidos com materiais naturais. Foto: Tintex

Tinta natural

Atualmente, a reciclagem de materiais está bastante avançada, embora isso resulte, infelizmente, mais frequentemente em downcycling do que em upcycling. No último caso, o produto inteiro é reutilizado para algo que é de qualidade igualmente boa.

"Se os tecidos são feitos de materiais diferentes, é difícil reutilizá-los." Silva vê mais benefícios sustentáveis na digitalização. "Enviando amostras virtuais, economizas muito material. E estamos a investir num passaporte digital, que permitirá aos consumidores ver de onde vêm os materiais e quanta energia e água foram usadas na produção."

A Citeve ajuda as empresas a coletar esses dados, entre outras coisas, certificando seus métodos e testando materiais quanto às suas alegações de sustentabilidade. "Atualmente, está a ser vendido mais algodão orgânico do que o que é produzido em todo o mundo", observa Silva de forma seca. "Tentamos descobrir onde o algodão

foi colhido para mapear se as alegações são verdadeiras. A sustentabilidade não pode ser uma etiqueta falsa. A indústria não ganha nada com isso."

Pedro Magalhães acena vigorosamente com a cabeça quando ouve as declarações de Silva. O gestor de inovação da fábrica de tingimento têxtil Tintex reconhece o desejo de cada vez mais marcas de produzir em Portugal. "Mas nem todas as empresas estão dispostas a enfrentar os desafios que isso implica."

A Tintex, que tinge tecidos para, entre outros, a COS e a marca londrina Pangaia, dedicou-se em 2013 às técnicas de tingimento sustentável com materiais naturais para uma parte dos tecidos. "Queríamos fazer mais pela natureza do que apenas obter certificações", diz Magalhães. Ele entrou na empresa em 2018. Um ano depois, foi lançada a primeira tinta feita de três materiais naturais: tomilho, castanha e a planta gambir. Atualmente, oito das 140 pessoas trabalham a tempo inteiro no departamento de inovação.

Uma visita pela grande fábrica mostra o que essa mudança sustentável exige da empresa. "Lavamos a temperaturas mais baixas e usamos menos água", explica Magalhães enquanto passamos por uma fila de máquinas que mais parecem grandes tanques. Ele para ao lado de uma série de exemplares menores: aqui, a quantidade certa de tinta é adicionada manualmente. "Cerca de 30% menos do que a tinta sintética. Além disso, a tinta natural facilita a purificação e reutilização da água."

Competindo contra países maiores

- Portugal, com quase 10,5 milhões de habitantes, é um país relativamente pouco povoado, que compete contra, entre outros, a Roménia (19,5 milhões de habitantes) e a Turquia (85,8 milhões). Através de colaborações internas, Portugal deve tornar-se mais atraente.
- "Aos poucos, estamos a ver que as empresas formam cooperativas: uma fição de fio sustentável que colabora com uma fábrica que imprime tecidos sustentáveis", diz Carla Silva, da Citeve.
- Especialmente no que diz respeito à sustentabilidade, isso pode ser uma vantagem, diz Magalhães, da Tintex. "Se queres produzir de forma mais sustentável, não podes fazer isso como um elo da cadeia."

Quatro metros por minuto

Mas as economias são apenas uma parte da história: não foi à toa que demorou seis anos para a tinta natural ser comercializada. "A cor pode desbotar mais rapidamente ao sol. Tivemos que descobrir através da nossa própria investigação como reduzir isso."

Ainda está no meio da fábrica uma grande máquina com uma caixa de luz onde o tecido tingido de forma sustentável passa. Diariamente, um funcionário verifica os tecidos durante oito a dez horas por dia em busca de imperfeições. Se a cor estiver correta, a correia avança rapidamente: quatro metros por minuto.

Diariamente, são verificados oito a dez toneladas de tecido. Quantidades que inicialmente só podiam sonhar, conta Magalhães. "No início, a qualidade era má. A máquina tinha de ser constantemente parada devido a imperfeições na coloração. Ao ajustar a composição e a quantidade de tinta, agora está melhor."



A marca de roupa COS é uma das marcas que produzem parte dos seus tecidos em Portugal. Foto: COS

Produção barata

Magalhães divide os clientes com quem a Tintex trabalha atualmente em duas categorias: "Tens as grandes marcas com departamentos de sustentabilidade, que têm uma boa perceção dos possíveis obstáculos e do preço. E tens pequenas marcas que prezam a sustentabilidade, operam com esse espírito e abraçam a constante inovação."

César Lima, CEO da Adalberto Textile Suppliers, acrescenta uma terceira categoria, que ele encontra frequentemente: empresas de vestuário que querem produzir de forma sustentável, mas não querem pagar os custos adicionais.

O fornecedor de tecidos estampados recusa quase sempre esses clientes. "Infelizmente, o setor da moda ainda é muito orientado pelo preço e não pela inovação."

A empresa, que estampa e tingem tecidos para marcas como Paul Smith, Pip Studio e Vlisco, está continuamente a tornar os processos mais sustentáveis com máquinas inteligentes. "Suponhamos que uma máquina necessita de uma certa humidade, temperatura e velocidade para tingir um tecido. Se virmos que pode ser melhor, isso torna-se automaticamente a nova configuração padrão." A confecção das roupas também foi tornada mais sustentável, criando protótipos apenas online.

Segundo a empresa, desta forma economizam 15% de água por quilo, utilizam apenas energia sustentável e reduziram as emissões de CO2 em dois terços.

Cifras das quais se orgulham, mas Lima também é crítico em relação à indústria têxtil. "Fazemos tudo o que podemos para produzir da melhor forma possível, num setor que é muito poluente. Mas não podemos arcar com todos os custos." Magalhães reconhece o problema. "Acreditamos tanto neste tecido que o produzimos mesmo sem ter um comprador imediato. Queremos fazer as coisas de forma minuciosa, mas quando as marcas de moda nos procuram, temos de oferecer algo quase imediatamente. É assim que a indústria funciona."

Esse também é o imagem de Portugal, observa Lima: a de um país de produção barata. Comparado com o padrão europeu, o salário é baixo. O mínimo é de 820 euros por mês, pago em 14 meses. 11.480 euros por ano. Cerca de um quarto da população ativa, aproximadamente 1,2 milhões de trabalhadores, ganha o salário mínimo. Na indústria têxtil, isso também é comum. Em comparação, no país vizinho, Espanha, o salário mínimo é de 1134 euros, também pago em 14 meses.

Encontrar pessoal está a tornar-se cada vez mais difícil

- Há muita procura do exterior, mas na área pouco populosa do Norte de Portugal está cada vez mais difícil encontrar pessoal para a indústria têxtil.
 - As pessoas saem do país para melhores salários e oportunidades de carreira. O pessoal que as empresas têxteis procuram há muito que não se resume a costureiras e outros trabalhadores de fábrica, diz Pedro Magalhães.
 - "Procuramos pessoas com formação técnica, engenheiros que ajudam na área da inovação. As multinacionais têm capacidade para oferecer salários mais altos.
 - Além disso, a indústria têxtil no norte pouco populoso não é a opção mais atraente para as pessoas. "Ainda temos pessoas a trabalhar na fábrica que aqui estão há quarenta anos, mas uma nova geração não é assim. É preciso atraí-los com outras condições de trabalho", diz César Lima, da Adalberto.
 - "Algumas pessoas conhecem o setor porque os pais trabalhavam nele. Eles escolhem pela combinação de nostalgia e inovação."
-

Algodão biológico

O salário português parece pouco, mas ainda é quase o dobro do salário mínimo na China; na Índia e no Bangladesh é ainda mais baixo. "Produzir roupa na Europa é simplesmente muito mais caro do que na Ásia", resume Knabben, da Manufy.

"Isso muitas vezes desilude as marcas, que têm preços muito mais baixos em mente." Vrendenbarg, da Mr Marvis, escolheu conscientemente Portugal – sabendo dos custos mais altos e das vantagens sustentáveis que essa escolha pode trazer. "Os nossos primeiros chinos e calções não eram de materiais sustentáveis. Agora, os nossos chinos são de algodão biológico. Para os calções, estamos a fazer os últimos testes."

Ele enfatiza que a sustentabilidade tem de vir de ambos os lados. "Trabalhamos há muito tempo com esses produtores, o que nos permite exigir mais deles. Queremos saber de onde vêm os tecidos e incentivamos os produtores a pensar em painéis solares e outras medidas sustentáveis. Isso parece-me mais difícil na China." Ao mesmo tempo, a Mr Marvis aceita que tecidos biológicos e reciclados são mais caros, pelos quais eles e os seus consumidores pagam.



Foto: Tintex

Preço mais elevado

Ao comunicar claramente que os produtos são feitos em Portugal, Vrendenbarg espera explicar aos consumidores porque a sua roupa é mais cara do que a das marcas de fast fashion. "Sabes que as calças que vestes são de boa qualidade e feitas mais perto de casa em boas condições. Acho que é isso que a etiqueta diz."

Também é em parte marketing inteligente? Vrendenbarg observa que outras empresas que optam pela produção na Europa de Leste anunciam de forma demasiado rápida com "Made in Europe". "Nós escolhemos usar Portugal, é isso que nos orgulha."

Lima, da Adalberto, também se orgulha de que as marcas apregoem abertamente o seu país natal. "Ser visto como um país que oferece qualidade é o reconhecimento pelo qual trabalhamos arduamente."

Fonte: [Made in Portugal: de opkomst van een textielland \(fd.nl\)](#)

Artigo traduzido automaticamente